



Estudo de crenças e expectativas acerca do álcool em estudantes universitários

Margareth Oliveira¹ (*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*), Mauro Soibelman (*Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, Brasil*) e Maisa Rigoni (*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*)

(Recibido 26 de octubre 2005/ Received October 26, 2005)

(Aceptado 12 de mayo 2006 / Accepted May 12, 2006)

RESUMO. Trata-se de um estudo populacional transversal que visa identificar crenças e expectativas dos estudantes universitários em relação aos efeitos do álcool e estimar o risco do desenvolvimento da dependência dessa substância, frequência, bebida preferida e outras variáveis relacionadas ao consumo. A amostra aleatória por conglomerados foi de 1.345 universitários, cursando regularmente do 1º ao 8º nível dos diferentes cursos de graduação da PUCRS (Brasil). Utilizou-se um Questionário sobre Hábitos de Bebidas e o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). Da amostra, 18,80% experimentaram bebida alcoólica pela primeira vez aos 14 anos e 73,60% já tiveram um episódio de intoxicação aguda uma vez na vida. A bebida mais consumida foi cerveja, seguida de vinho e destilados. Estudantes que bebiam 2 ou mais dias por semana, que mencionaram problemas relacionados ao consumo e já tiveram um episódio de intoxicação aguda uma vez na vida apresentaram escore significativamente mais elevado no IECPA. O escore médio dos fatores do IECPA é significativamente maior para homens em relação às mulheres, sendo a maior diferença no Fator 1 (Efeitos globais positivos e facilitadores das interações sociais). Conclui-se tratar de um tema fundamental para estudos de prevenção e intervenção em dependência química.

PALAVRAS CHAVE. Universitários. Álcool. Expectativas. Estudo populacional transversal.

¹ Correspondencia: Programa de Pós Graduação em Psicologia (PUCRS). Av. Ipiranga, 6681. Prédio 11. 9º andar. Sala 932. Porto Alegre- RS (Brasil). E-mail: marga@puers.br

ABSTRACT. The aim of this population-based cross-sectional study was to identify students' beliefs and expectations related to alcohol effects and to estimate the risk of developing a dependency on the substance, the frequency, the favorite drink and other variables related to the use. The randomly selected sample consisted of 1345 university students from the 1st to 8th semester from different PUCRS's (Brasil). A questionnaire about drinking habits and an Inventory of Expectations and Personal Beliefs about Alcohol (IECPA) were used. From the sample 18.8% have tried alcohol for the first time when they were 14 years old and 73.6% have suffered from the alcohol intoxication at least once in their lives. The most consumed drink was beer, followed by wine and distilled drinks. The students who drink 2 or more days a week, mentioned problems related to the alcohol use and have suffered from the alcohol intoxication at least once in their lives presented significantly higher scores in the IECPA. The average score in the IECPA factors is significantly higher in men than in women, with the greatest difference in the Factor 1 (Positive Global Effects and Social Interaction Facilitators). The subject is extremely important for the studies on the prevention and chemical dependence.

KEYWORDS. University students. Alcohol. Expectations. Population-based cross-sectional study.

RESUMEN. Este estudio de poblaciones mediante encuestas de tipo transversal trata de identificar las creencias y expectativas de estudiantes universitarios con respecto a los efectos del alcohol y estimar el riesgo de desarrollo de dependencia, frecuencia, bebida preferida y otras variables relacionadas con el consumo. La muestra aleatoria por conglomerados estaba formada por 1.345 universitarios que cursaban de forma regular de primer a octavo nivel de los diferentes cursos de graduación de la PUCRS (Brasil). Se empleó un Cuestionario sobre Hábitos de Bebida y el Inventario de Expectativas y Creencias Personales acerca del Alcohol (IECPA). De la muestra, el 18,80% consumió bebidas alcohólicas por primera vez a los 14 años y el 73,60% ya había tenido un episodio de intoxicación aguda una vez en la vida. La bebida más consumida fue la cerveza, seguida del vino y de los destilados. Los estudiantes que bebían dos o más días por semana, que mencionaron problemas relacionados con el consumo y que experimentaron un episodio de intoxicación aguda presentaron puntuaciones más elevadas en el IECPA. La puntuación media de los factores del IECPA es significativamente mayor para hombres que para las mujeres, presentándose la mayor diferencia en el Factor 1 (Efectos globales positivos y facilitadores de las interacciones sociales). Se concluye que estamos ante una cuestión fundamental para los estudios de prevención e intervención en dependencia de sustancias.

PALABRAS CLAVE. Estudiantes universitarios. Alcohol. Expectativas. Estudio transversal de poblaciones mediante encuestas.

Introdução

O consumo de bebidas alcoólicas por estudantes no Brasil e no mundo tem sido objeto de estudo de pesquisadores nos últimos anos, como Andrade *et al.* (1997a, 1997b), Borini, Oliveira, Martins e Guimarães (1994), Dimeff, Baer, Kivlahan e Marlatt (2002), Pechansky e Barros (1995), os quais estão preocupados em estabelecer parâmetros

necessários para a prevenção e abordagem dos problemas resultantes deste consumo. Dimeff *et al.* (2002) referem que a ingestão pesada e prejudicial de bebidas alcoólicas entre estudantes universitários, principalmente estudantes de graduação, é um problema de saúde pública. Estes autores citam também duas pesquisas com estudantes universitários norte-americanos, nos quais cerca de 85% dos alunos de graduação informaram ter ingerido bebidas alcoólicas no último ano. Em uma destas pesquisas, que incluiu mais de 45 mil alunos de graduação de 87 instituições norte-americanas, 19,20% da amostra informou um consumo de álcool de pelo menos 3 vezes por semana, sendo que consumiam uma média de 4,3 doses-padrão por semana (6,7 doses para os homens e 3 doses para mulheres). Andrade *et al.* (1997b) realizaram uma pesquisa com estudantes do curso de graduação da Faculdade de Medicina de Botucatu, Brasil, comparada com outras oito escolas médicas paulistas, com o objetivo de analisar a prevalência do uso de drogas na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias. Foi utilizado um questionário de auto-respostas, anônimo, embasado no proposto pela Organização Mundial da Saúde para o levantamento de uso de drogas e álcool. Constataram que não houve diferenças estatisticamente significantes entre as escolas e, nos 30 dias anteriores ao preenchimento do questionário, a prevalência do uso de drogas para os estudantes de Botucatu foi de 50% para álcool, 7% para tabaco, 8% para solventes, 6% para maconha, 3% para benzodiazepínicos, 0,50% para cocaína e 1% para anfetaminas. A análise de regressão logística apontou que o uso de álcool e drogas foi facilitado por: a) ser homem, b) perder aulas sem razão e referir ter muito tempo livre nos finais de semana, e c) ter uma atitude favorável em relação ao uso de álcool e drogas. Em um trabalho sobre o uso de álcool e drogas entre 2.564 universitários da Universidade de São Paulo (USP), nas áreas de ciências Humanas, Biológicas e Exatas, quanto ao uso na vida, nos últimos 12 meses e últimos 30 dias, onde utilizaram para coleta de dados questionário anônimo de autopreenchimento. Constatou-se que a droga mais usada alguma vez na vida foi o álcool (90,10%), seguido de tabaco (43,30%), maconha (30,60%), solventes (18,20%) e cocaína (7,10%). O álcool é a droga mais usada pelos alunos da USP, sendo que quase todos os alunos (90,10%) o experimentaram na vida, 80,90% nos últimos 12 meses e 74,10%, nos últimos 30 dias (Andrade *et al.*, 1997a). A Universidade Estadual Paulista (UNESP / Brasil) realizou um levantamento de uso de álcool e drogas entre 11.878 estudantes e constataram que o álcool, é de longe a droga mais utilizada nos últimos 30 dias com um percentual de 74,40 (Kerr-Corrêa *et al.*, 2002). A partir destes dados foi implantando o projeto de prevenção, chamado de Intervenção Breve baseado no método BASICS (Dimeff *et al.*, 2002) reforçando a necessidade cada vez maior de implementar ações de prevenção e intervenção entre os universitários e a criação do programa Viver Bem Unesp (Kerr-Corrêa, Simão e Martins, 2003).

Para entender como as bebidas alcoólicas têm um fascínio sobre os jovens e o que os levam a ingerir doses cada vez mais elevadas, buscamos os conceitos de expectativas que referem-se às predições do indivíduo sobre as conseqüências do comportamento. As expectativas em relação aos efeitos do álcool são consideradas informações e memória de longo prazo que representam experiências vicárias e diretas que um indivíduo teve com álcool como conseqüências de suas características biológicas e seu ambiente (Goldman, 1999). Segundo Formigoni e Monteiro (1997), as expectativas e crenças a

respeito do uso do álcool são formadas em idade bastante anterior ao consumo dessa substância e de seus efeitos, sendo influenciadas pelos hábitos de ingestão de bebidas alcoólicas dos familiares. Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) referem um estudo sobre comerciais de bebidas alcoólicas no qual foi constatado que a frequência destes era, em média, maior do que a frequência de comerciais sobre outros produtos, como bebidas não alcoólicas, medicamentos e cigarros. Este mesmo estudo revela que dentre os temas mais encontrados estão os diretamente relacionados às expectativas dos jovens a respeito do consumo de bebidas alcoólicas, tais como relaxamento, camaradagem e humor. O constructo expectativas tem sido estudado como uma variável mediadora da vulnerabilidade do alcoolismo (Smith, 1994). Conforme Marlatt e Gordon (1993) se sabem que alguns fatores como a cultura, normas de grupo e expectativas sobre os efeitos do álcool influenciam os comportamentos de beber. As expectativas de resultados surgiram como um conceito chave em modelos psicossociais do uso de álcool, destacando seus efeitos no comportamento, os modos e as emoções, correlacionados com o consumo desta substância entre adolescentes e adultos (Goldman, Brown, Chistiansen e Smith, 1991; Leigh, 1989). Conforme Marlatt e Gordon (1993) as expectativas de resultados podem ser definidas como as crenças cognitivas, culturais e pessoais acerca dos efeitos de determinada droga, que levam o indivíduo a desenvolver o comportamento dependente. As expectativas de resultados podem manifestar-se em diferentes sistemas de resposta: efeitos físicos, que seriam alterações nas sensações e sentimentos relacionados com os efeitos fisiológicos da droga; efeitos psicológicos, que abrangem cognições e estados emocionais alterados; e, efeitos comportamentais, que abrangem mudanças nos atos e comportamento manifesto (Brown, 1993). No que se refere especificamente a expectativas de resultados quanto ao uso do álcool, Darkes, Greenbaum e Goldman (2004) apontam que estas expectativas são fatores preditivos, tanto para o uso dessa substância entre adolescentes e adultos, como para a diminuição dos níveis de consumo desses sujeitos. Para Souza e Machorro (1998), o mais decisivo dos fatores determinantes da conduta na intoxicação tem relação com sua base motivacional, isto é, encontra-se intimamente vinculada a fatores psicológicos individuais. Há, na sociedade moderna, motivações derivadas da insegurança e da competitividade humana e do stress, entre outros fatores, que, ao vincularem-se com sensações de frustração em relação a certas necessidades pessoais, o desejo de alcançar a intimidade de diversas motivações sociais, determina, em boa parte, os condicionantes para o beber e para a conduta de embriagar-se.

Em um estudo com 927 universitários de uma universidade pública no sudeste dos Estados Unidos, com homens e mulheres na faixa etária dos 17 aos 35 anos, Aarons, Goldman, Greenbaum e Couvert (2003) compararam as expectativas de resultados frente ao álcool e a quantidade e forma de consumo desta substância. Os achados desta pesquisa apontaram que as expectativas de resultados positivas quanto ao uso do álcool estiveram associadas com consumo pesado desta substância para um número elevado de sujeitos, filhos de pais bebedores-problema, o que sugere a importância da exposição familiar, no caso de alcoolistas graves, para o desenvolvimento deste tipo de crença. Mora-Rios e Natera (2001) realizaram uma investigação com 678 estudantes de graduação, com idades entre 17 e 25 anos, constatando que 31% destes ingeriram 5 ou mais doses

de álcool no dia em que mais beberam no último ano. Relacionando esse dado com o Questionário de Expectativas sobre o Álcool (AEQ), desenvolvido por Brown, Tate, Vick, Haas e Aarons (1999), verificaram que os bebedores pesados apresentaram índices mais altos nas seis sub-escalas do AEQ, principalmente esses sujeitos que já tiveram problemas com álcool no ano anterior. As expectativas apontadas por esses sujeitos frente ao uso do álcool foram: facilitação da interação social, redução de tensão psicológica e crescente excitação.

O presente estudo populacional transversal (Montero e León, 2005; Ramos-Alvarez, Valdés-Conroy e Catena, 2006) foi realizado para estudar as crenças e as expectativas em relação aos efeitos das bebidas alcoólicas e para estimar o risco do desenvolvimento da dependência dessa substância em estudantes universitários, bem como para estimar a frequência, o tipo de bebida preferida e outras variáveis relacionadas ao seu consumo.

Método

Amostra

Foi realizada uma amostra aleatória por conglomerados dos universitários cursando regularmente do 1º ao 8º nível dos diferentes cursos da PUCRS, compreendendo 8% da população universitária. Foram listados os 8 primeiros níveis de todos os cursos da instituição e sorteados 21 cursos. Todos os alunos do nível e curso sorteados eram convidados a participar da pesquisa, sendo garantido o sigilo do sujeito. A amostra final ficou constituída de 1.345 alunos, com idades entre 16 e 54 anos ($M= 22,25$; $DP=5,28$), sendo 54,80% do sexo feminino e 45,20% do sexo masculino.

Instrumentos

Foram utilizados neste estudo um questionário para explorar dados sobre o uso de bebidas alcoólicas e o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais acerca do Álcool, IECPA (Pinto Gouveia, Ramalheira, Robalo, Borges e Almeida, 1996).

- Questionário sobre Hábitos de Bebida. Questionário auto-aplicável desenvolvido pelo grupo de pesquisa com 23 questões. Contém questões referentes a dados sócio demográficos (idade, sexo, com quem mora, se tem parceiro fixo, etc.), dados sobre hábitos de consumo de bebidas alcoólicas (bebida preferida, bebida mais consumida, quantidade de bebida consumida em um dia de maior consumo, dia e horário de maior consumo, com quem costuma consumir bebidas alcoólicas, idade que experimentou pela primeira vez bebida alcoólica, se já tomou um «porre», isto é, se já teve um episódio de intoxicação aguda (*binge drinking*) uma vez na vida e a idade, etc.), e problemas relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas (algum familiar com problemas relacionados ao uso de bebidas alcoólicas, etc.). Através das respostas dos sujeitos foi possível se fazer um levantamento de seus hábitos de consumo em relação a bebidas alcoólicas. Neste artigo optou-se por utilizar apenas algumas questões do questionário referido acima.
- Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). Destina-se a avaliar expectativas individuais sobre os efeitos decorrentes da ingestão

de bebidas alcoólicas. Tal instrumento se fundamenta no conceito de expectativa, um constructo cognitivo que, particularmente, a partir dos anos oitenta, foi sendo reconhecido, na literatura, como especialmente importante para o entendimento do consumo de drogas (Stacy, Windaman e Marlatt, 1990). O constructo expectativas tem sido salientado como uma variável mediadora da vulnerabilidade do alcoolismo” (Smith, 1994, p.165). Na verdade, as expectativas referentes ao consumo de drogas nem sempre são as desejadas pelo sujeito que as consome, isto é, “os efeitos reais do consumo da droga podem não corresponder aos efeitos esperados” (Marlatt e Gordon, 1993, p.123). A compreensão da importância desse conceito se transferiu à prática clínica, sendo concretizada na avaliação de expectativas sobre os efeitos do álcool, já que “a um nível médio de expectativas reais elevado corresponde sempre uma maior ingestão de álcool” (Pinto Gouveia, Ramalheira, Robalo, Borges e Almeida, 1993). Tal constatação pelos autores, que construíram o inventário, foi corroborada em pesquisa local, em que se evidenciou, também, que existe uma relação significativa entre o grau de endosso de expectativas a cerca do álcool e o padrão pessoal de bebida do sujeito (Cunha, Werlang e Oliveira, 1997). Esse instrumento foi desenvolvido em Portugal (Pinto Gouveia *et al.*, 1993) e validado para o Brasil em 1996. É composto por 61 itens que permitem a computação de uma nota total e estudos correspondentes a cinco dimensões ortogonais, isoladas com recurso a uma análise fatorial dos itens: Fator 1 – Efeitos globais positivos e facilitadores das interações sociais, é composto de 35 itens; Fator 2 – Diminuição e/ou fuga de emoções ou cognições negativas, compreende 20 itens; Fator 3 – Ativação e prazer sexual, constituído por 12 itens; Fator 4 – Efeitos positivos na atividade e no humor, compreende 8 itens; Fator 5 – Efeitos positivos na avaliação de si mesmo, abrange 7 itens. Para cada item, são apresentadas cinco categorias de resposta possível, tipo Likert de cinco pontos. A versão brasileira apresentou excelente consistência interna, o alfa de Cronbach estimado foi de 0,98, foi examinada a estabilidade temporal com o intervalo entre teste e reteste de uma semana e o coeficiente de correlação estimado foi de 0,86. Na validade fatorial a solução fatorial explica no seu conjunto 65,30% da variância total (Pinto Gouveia *et al.*, 1996). Considerando os estudos da validação brasileira para a população geral o ponto de corte determinado foi de 122, isto é, no somatório geral acima de 122 os sujeitos têm mais probabilidade de serem ou virem a ser dependentes do álcool (Pinto Gouveia *et al.*, 1996).

Procedimentos

Uma equipe de auxiliares de pesquisa do grupo de pesquisa coordenado pela autora principal, agendava previamente com as direções dos cursos a data para a aplicação dos instrumentos, sendo que os alunos não eram informados com antecedência. No momento da aplicação, a equipe apresentava-se e explicava aos alunos o objetivo da pesquisa e seu caráter voluntário, bem como a garantia de sigilo. Nenhum dos alunos recusou-se a participar da pesquisa.

Procedimentos estatísticos

Foram realizadas análises descritivas para as variáveis sócio-demográficas e tipos de bebidas alcoólicas consumidas. Utilizaram-se análises inferenciais para as demais variáveis: teste *t* de Student para comparar os escores médios do IECPA e as frequências de uso de bebidas alcoólicas. Empregou-se o *odds ratio* (OR) para comparar o risco para o alcoolismo e a associação a problemas relacionados ao consumo de álcool, e também se usou este mesmo teste estatístico para medir o risco de quem já tomou um “porre”, ou seja, de quem já teve um episódio de intoxicação aguda uma vez na vida. Foi utilizada a análise de variância (ANOVA) para comparar os escores médios do IECPA dos grupos conforme as faixas etárias do primeiro porre. Optou-se pelo uso do teste estatístico Kruskal-Wallis H para comparar os escores do Fator 1 do IECPA com as diferentes faixas etárias, uma vez que a variável Fator 1 não apresentou normalidade ($p < 0,001$) e homocedasticidade ($p = 0,011$).

Resultados

Da amostra estudada de 1.345 estudantes universitários, 18,80% experimentaram bebida alcoólica pela primeira vez aos 14 anos de idade, sendo que 73,60% afirmaram já ter vivenciado um episódio de intoxicação aguda (“tomando um porre”) pelo menos uma vez na vida. Da amostra total, 33,60% afirmou ter ingerido bebida alcoólica menos de uma vez por semana no mês anterior à pesquisa. Das bebidas consumidas, a mais citada foi a cerveja, seguida pelo vinho e pelos destilados. Na opinião de 54,80% da amostra, nenhum familiar manifesta ou manifestou problemas relacionados com o uso de bebidas alcoólicas; porém, 41,30% dos entrevistados denotou ter algum familiar com esse tipo de problema. Em relação a variável alto risco, conforme o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA), cujo ponto para probabilidade alta de serem ou virem a ser dependentes do álcool, para a população geral, é de 121,82 (Pinto Gouveia *et al.*, 1996). A amostra foi classificada de acordo com o escore total em baixo e alto risco. A Tabela 1 aponta que quase um terço dos entrevistados apresentaram alto risco para o alcoolismo.

TABELA 1. Classificação da amostra quanto ao nível de risco para o alcoolismo, conforme escore classificado no IECPA.

| Risco | <i>n</i> | % | IC 95% |
|-------|----------|------|------------|
| Baixo | 944 | 70,2 | 67,3-73,10 |
| Alto | 401 | 29,8 | 25,3-34,30 |
| Total | 1345 | 100 | |

Frente a quantidade de dias que os estudantes ingerem bebidas alcoólicas a amostra foi relacionada com o escore total o IECPA. Verificou-se que o escore dos alunos no IECPA que bebiam em dois ou mais dias por semana é significativamente mais elevado do que aqueles que bebem em menor frequência, conforme demonstrado na Tabela 2.

TABELA 2. Escore médio da freqüência de uso de bebidas alcoólicas no IECPA.

| <i>Freqüência de uso</i> | <i>Nº de alunos</i> | <i>%</i> | <i>Escore do IECPA</i> | | <i>t</i> |
|--|---------------------|----------|------------------------|-----------|----------|
| | | | <i>M</i> | <i>DP</i> | |
| Todos os dias da semana / 4 a 6 dias ou de 2 a 3 dias por semana | 224 | 18,60 | 125,90 | 43,40 | 13,85*** |
| Menos de 2 dias por semana ou não consumiu | 1088 | 82,90 | 99,50 | 36,50 | |

*** $p < 0,001$

No aspecto problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, tais como acordar tarde, faltar aula, faltar ao trabalho, acidentes, brigas e problemas físicos, realizou-se o registro do mesmo associado aos escores obtidos no IECPA, conforme os resultados ilustrados na Tabela 3. Observa-se que a menção a problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas está associada a maiores escores no IECPA e, conseqüentemente, a maior probabilidade da pessoa ser classificada na categoria de alto risco, ou seja, fica multiplicado por 2,347 (OR) as chances de pertencer ao grupo de alto risco.

TABELA 3. Distribuição dos alunos com e sem problemas associados ao consumo de bebidas alcoólicas e a probabilidade de risco para o alcoolismo (IECPA).

| <i>Risco (IECPA)</i> | <i>Problemas</i> | | <i>Total</i> | <i>Odds Ratio (OR)</i> |
|----------------------|------------------|------------|--------------|------------------------|
| | <i>Sim</i> | <i>Não</i> | | |
| Alto | 168 | 203 | 371 | 2,347 |
| Baixo | 231 | 655 | 886 | (1,821-3,024) |
| Total | 399 | 858 | 1257 | |

A referência ao fato de ter tomado pelo menos um «porre» uma vez na vida está associada com maiores chances de risco e ficam multiplicadas por 4,721 (OR) as chances de pertencer ao grupo de alto risco para o desenvolvimento do alcoolismo (Tabela 4).

TABELA 4. Distribuição dos alunos que responderam afirmativamente ou negativamente – «Você já tomou um ‘porre’ alguma vez?» e a probabilidade de risco para o alcoolismo (IECPA).

| <i>Risco (IECPA)</i> | <i>Já tomou um "porre"</i> | | <i>Total</i> | <i>Odds Ratio (OR)</i> |
|----------------------|----------------------------|------------|--------------|------------------------|
| | <i>Sim</i> | <i>Não</i> | | |
| Alto | 362 | 37 | 399 | 4,721 |
| Baixo | 628 | 303 | 931 | (3,277 – 6,800) |
| Total | 990 | 340 | 1330 | |

Ainda com relação à idade do primeiro «porre», observa-se que quanto mais precoce a idade em que os sujeitos relatam ter tomado o primeiro “porre” maior formam as médias obtidas no IECPA para o risco para o alcoolismo (Tabela 5).

TABELA 5. Distribuição por faixa etária do 1º «porre» com os escores médios do IECPA e risco para o alcoolismo.

| Idade do 1º “porre” | n | M** | DP | p* | Risco IECPA | |
|------------------------|-----|----------------------|-------|---------|-------------|-------|
| | | | | | Alto | Baixo |
| > 10 | 14 | 123,29 ^a | 35,61 | | 7 | 5 |
| 10 – 14 | 288 | 124,16 ^a | 40,61 | | 138 | 150 |
| 15 – 19 | 644 | 109,23 ^{ab} | 37,56 | < 0,001 | 206 | 438 |
| 20 ou mais | 45 | 94,24 ^b | 28,92 | | 8 | 37 |

* ANOVA

** Letras iguais indicam médias não diferentes.

Em relação aos desempenhos nos fatores do IECPA verificou-se que o escore mediano de todos os fatores que compõe o IECPA é significativamente maior para os homens em relação às mulheres ($p < 0,001$), sendo que a maior diferença é observada no Fator 1, que se refere aos Efeitos globais positivos e facilitadores das interações sociais. Podemos inferir, com isto, que os homens acreditam mais do que as mulheres que o uso do álcool facilite seus relacionamentos interpessoais.

Neste estudo ainda foi possível avaliar que, com exceção do Fator 3 do IECPA, os demais, assim como o Fator 1, apresentam uma associação significativa entre os sexos. Isto sugere que esta população faz uso do álcool com o intuito de diminuir ou fugir de emoções negativas, além de facilitar na atividade, no humor, e na avaliação de si mesmo.

Em relação aos fatores que compõe o escore do IECPA, novamente ocorreu uma diminuição do escore mediano com o aumento da faixa etária. Mais uma vez o fator que contribuiu para esta tendência foi o Fator 1. Conforme visualiza-se na Tabela 6, para os mais jovens, a diferença na expectativa de efeitos globais positivos e da facilitação das interações sociais é significativamente mais importante.

TABELA 6. Distribuição dos escores do Fator 1 (Efeitos globais positivos e facilitadores das interações sociais) do IECPA por faixa etária.

| Faixa etária | n | % | IECPA Fator 1 (Mediana)* | IECPA Fator 1 (Média) | DP | Kruskal-Wallis H (p) |
|------------------|-----|----|--------------------------------|--------------------------|-------|-------------------------|
| Menos de 20 anos | 458 | 34 | 75 ^a | 76,05 | 29,33 | |
| 20-24 anos | 592 | 44 | 59 ^b | 65,67 | 27,44 | 59,735 |
| 25 anos ou + | 283 | 21 | 52 ^b | 61,40 | 27,48 | (0,0000) |

** Letras iguais indicam não diferença das categorias.

Discussão

Em relação à prevalência do uso de álcool nossos resultados corroboram com os achados de Kerr-Corrêa *et al.* (2003) que apresenta uma taxa de 74,40% de uso de álcool na população estudada, assim como o trabalho de Viña e Herrero (2004) que também identificou em sua pesquisa com estudantes de psicologia que a droga mais consumida foi o álcool. Mostra-se relevante o fato de uma população universitária, inserida em um contexto cultural diferenciado -supostamente, com acesso a informações adequadas sobre dependências químicas-, apresentar quase um terço (29,80%) dos alunos com alto risco para o alcoolismo. Um número significativo de alunos não têm conhecimento que estão numa faixa de risco e seguem usando o álcool, muitas vezes de forma abusiva (18,60% consome álcool todos os dias da semana ou pelo menos de 4 a 6 ou de 2 a 3 dias por semana). No estudo com alcoolistas em tratamento laboratorial no Proyecto Hombre de Navarra de Landa, Fernandez-Montalvo, López-Goñi e Lorea (2006) foi relatado que 22% do consumo abusivo se produz principalmente durante os finais de semana, o que corrobora com o estudos dos universitários.

Os elevados escores constatados no Inventário de Crenças e Expectativas Acerca do Álcool para universitários que bebem dois ou mais dias da semana podem estar apontando motivação para o uso indevido desta substância. Provavelmente, tais alunos não têm consciência do elevado risco que apresentam para desenvolver problemas associados ao abuso do álcool. Isto corrobora os achados de Mora-Rios e Natera (2001) e de Werner, Walker e Greene (1995), os quais demonstram que os estudantes com aumento significativo das expectativas positivas em relação ao uso de bebidas alcoólicas tendem a fazer um uso abusivo desta substância.

Embora os alunos do sexo masculino tenham demonstrado mais do que as alunas, que o uso do álcool facilite seus relacionamentos interpessoais, na prática, a interferência na função do juízo crítico, entre outras, pode comprometer a capacidade de alcançar o objetivo pretendido, essas questões também foram salientadas por Andrade *et al.* (1997b). Mais relevante, ainda, parece ser a associação inversa entre idade e expectativas de efeitos globais positivos e da facilitação das interações sociais. Diante de frustrações reais e vicissitudes da vida, estes jovens podem recorrer ao uso do álcool como uma forma de “escape”, aumentando o risco para desenvolver uma dependência futura, sendo estes achados semelhantes aos encontrados por Mora-Rios e Natera (2001). Cabe lembrar também, que o álcool é a substância mais consumida entre os jovens, sendo a idade de início do uso cada vez mais precoce, aumentando o risco de dependência futura e estando este uso na adolescência associado a uma série de comportamentos de risco, além de aumentar a chance de envolvimento em acidentes, violência sexual e participação em gangues (Pechansky *et al.*, 2004). O trabalho de Kerr-Corrêa *et al.* (2003) corrobora com estes achados, apontando como uma das possíveis causas do consumo elevado entre os universitários, a saída de casa, a vivência de comportamentos adultos, como a sexualidade e o uso de álcool, está relacionada a propaganda dirigida especialmente para os jovens que para pertencerem a um grupo e serem aceitos por seus pares o uso álcool é incentivado. Num estudo de Cunha e Oliveira (1997) numa população de dependentes do álcool internados comparados com dependentes de álcool ambulatoriais, observou-se que a maioria dos itens, cuja média é maior nos pacientes internados,

pertencem ao Fator 1, efeitos globais e facilitadores das interações sociais, isto permite pensar que, para evitar ou escapar de afetos negativos que a situação de internação poderia acarretar, tais pacientes tendem a evocar atributos positivos relativos a efeitos do álcool de experiências anteriores. Relacionando estes dados com o presente estudo podemos inferir que as crenças e expectativas tornam-se um construto fundamental no tratamento da dependência química.

Conclui-se que este estudo está limitado a uma população universitária, não podendo ser generalizado para outros grupos populacionais. Mesmo assim, fica evidente a relevância de prosseguir no estudo da associação de crenças e expectativas de efeitos acerca do uso do álcool com padrões crescentes do uso abusivo desta substância, para introduzir este construto nos programas de prevenção. Estudos de levantamento de perfil do usuário de álcool, abrangendo diversas populações (adultos, adolescentes, dependentes do álcool, abusadores, bebedores eventuais, etc.) auxiliam na criação de programas de prevenção mais eficientes, ou que conseguem abarcar um maior número de participantes, pois desta forma os programas podem ser criados conforme a demanda que se apresenta e não de uma maneira generalizada, o que também foi sugerido por Soares de Matos e Souza-Albuquerque (2006). Alguns programas de prevenção não levam em conta as crenças e expectativas apresentadas pela pessoa acerca do uso do álcool e várias vezes fazem com que esses indivíduos, por vezes movidos pelo preconceito, acreditem que nada tem haver com eles e com seu modo de beber. Acredita-se no benefício das pessoas ao participarem nos programas de prevenção dos comportamentos de beber, pois ao clarificarem as crenças e expectativas que nutrem em relação ao consumo do álcool será possível modificá-las, e assim trabalhar as questões de risco as quais podem se expor, as distorções cognitivas que mantém sobre os efeitos do álcool no seu organismo, bem como mudar o padrão de consumo de álcool em um quadro de dependência da substância.

Referências

- Aarons, G.A., Goldman, M.S., Greenbaum, P.E. e Couvert, M.D. (2003). Alcohol expectancies: Integrating cognitive science and psychometric approaches. *Addictive Behaviors*, 28, 947-961.
- Andrade, A.G., Bassit, A.Z., Kerr-Corrêa, F., Tonhon, A.A., Boscovitz, E.P., Cabral, M., Rassi, R., Potério, G.M., Marcondes, E., Oliveira, M.P.M.T., Dualibi, K. e Fukushima, J.T. (1997b). Fatores de risco associados ao uso de álcool e drogas na vida, entre estudantes de Medicina do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Psiquiatria e da Associação Psiquiátrica da América Latina*, 19, 117-126.
- Andrade, A.G., Queiroz, S., Villaboim, R.C.M., César, F., Alves, M.C.G.P., Bassit, A.Z., Gentil, V., Siqueira, A.A.F. e Tolosa, E.M.C. (1997a). Uso de álcool e drogas entre alunos de graduação da Universidade de São Paulo (1996). *Revista Brasileira de Psiquiatria e da Associação Psiquiátrica da América Latina*, 19, 53-59.
- Borini, B., Oliveira, C.M., Martins, M.G. e Guimarães, R.C. (1994). Padrão de uso de bebidas alcoólicas de estudantes de medicina (Marília, São Paulo) – Parte 1. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 43, 93-103.
- Brown, S.A. (1993). Drug effect expectancies and additive behavior change. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 1, 55-67.

- Brown, S.A., Tate, S.R., Vick, P.W., Haas, A.L. e Aarons, G.A. (1999). Modeling of alcohol: Use mediates the effect of family history of alcoholism on adolescent alcohol expectancies. San Diego. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 7, 20-27.
- Cunha, J. e Oliveira, M.S. (1997). Expectativas pessoais acerca dos efeitos do álcool em dependentes do álcool internados ou em tratamento ambulatorial. Em Associação Brasileira de Estudos e Álcool e outras Drogas (Ed.), *Anais do XII Congresso Brasileiro sobre Alcoolismo e outras Dependências* (p. 64). Recife: ABEAD.
- Cunha, J.A., Werlang, B.S.G. e Oliveira, M.S. (1997). Estudo da relação entre o grau de endosso de expectativas acerca do álcool e do padrão de bebida do sujeito. Em Associação Brasileira de Estudos e Álcool e outras Drogas (Ed.), *Anais do XII Congresso Brasileiro sobre Alcoolismo e outras Dependências* (p.66). Recife: ABEAD.
- Darkes, J., Greenbaum, P.E. e Goldman, M.S. (2004). Alcohol expectancy mediation of biopsychosocial risk: Complex patterns of mediation. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 12, 27-38.
- Dimeff, L.A., Baer, J.S., Kivlahan, D. e Marlatt, G.A. (2002). *Alcoolismo entre estudantes universitários: uma abordagem da redução de danos – BASICS*. São Paulo: UNESP.
- Formigoni, M.L.O.S. e Monteiro, M.G. (1997). A etiologia do alcoolismo. Em S.P. Ramos (Ed.), *Alcoolismo hoje* (pp. 33-43). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Goldman, M.S. (1999). Risk for substance abuse: Memory as common biological pathway. *Psychological Science*, 10, 16-198.
- Goldman, M.S., Brown, S.A., Christiansen, B.A. e Smith, G.T. (1991). Alcoholism etiology and memory: Broadening the scope of alcohol expectancy research. *Psychological Bulletin*, 110, 137-146.
- Kerr-Corrêa, F., Simão, M.O., Dalben, I., Trinca, L.A., Ramos-Cerqueira, A.T.A., Mendes, A.A., Mattos, P.F., Oliveira, S.M. e Penteado, M.A.C. (2002). Possíveis fatores de risco para o uso de álcool e drogas em estudantes universitários e colegiais da UNESP. *Jornal Brasileiro de Dependência Química*, 3, 32-41.
- Kerr-Corrêa, F., Simão, M.O. e Martins, R.A. (2003). Prevenção ao uso de álcool por estudantes universitários. Recuperado o 20/01/2004 de <http://www.viverbem.fmb.unesp.br>
- Landa, N., Fernandez-Montalvo, J., López-Goñi e Lorea, I. (2006). Comorbilidade psicopatológica del alcoholismo: un estudio descriptivo. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6, 253-269.
- Leigh, B.C. (1989). In search of the seven dwarves: Issues of measurement and meaning alcohol expectancy research. *Psychological Bulletin*, 105, 367-373.
- Marlatt, G.A. e Gordon, J.R. (1993). *Prevenção de recaída: estratégias de manutenção no tratamento de comportamento adictivos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Montero, I. e León, O.G. (2005). Sistema de clasificación del método en los informes de investigación en Psicología. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 115-127.
- Mora-Rios, J. e Natera, G. (2001). Expectancies, alcohol drinking and associated problems in university students in México City. *Salud Pública México*, 43, 89-96.
- Pechansky, F. e Barros, C. (1995). Padrões de consumo de bebidas alcoólicas em adolescentes residentes em Porto Alegre. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44, 231-242.
- Pechansky, F., Szobot, C.M. e Scivoletto, S. (2004). Uso de alcohol entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (supl. 1), 14-17.
- Pinto Gouveia, J., Ramalheira, C., Robalo, M., Borges, J. C. e Almeida, J.R. (1993). Inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool. *Psiquiatria Clínica*, 14, 147-163.

- Pinto Gouveia, J., Ramalheira, C., Robalo, M., Borges, J. C. e Almeida, J.R. (1996). *Inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool (IECPA)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ramos-Alvarez, M.M., Valdés-Conroy, B. e Catena, A. (2006). Criteria of the peer-review process for publication of experimental and quasi-experimental research in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6, 773-787.
- Smith, G.T. (1994). Psychological expectancy as mediator of vulnerability to alcoholism. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 708, 165-171.
- Soares de Matos, A.P.S. e Souza-Albuquerque, C.M. (2006). Estilo de vida, percepção de saúde e estado de saúde em estudantes universitários portugueses: influência da área de formação. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6, 647-663.
- Souza, M. e Machorro. (1988). *Alcoholismo: conceptos básicos*. México D.F.: El Manual Moderno.
- Stacy, A.W., Windaman, K.F. e Marlatt, G.A. (1990). Expectancy models of alcohol use. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 918-928.
- Viña, C.M. e Herrero, M. (2004). El consumo de substancias psicoactivas em estudiantes de Psicología de la Universidad de la Laguna. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4, 521-536.
- Werner, M.J., Walker, L.S. e Greene, J.W. (1995). Relation of alcohol expectancies to changes in problem drinking among college students. *Archives Pediatrics & Adolescent Medicine Vanderbilt University, Nashville, Tenn.* 149, 733-739.